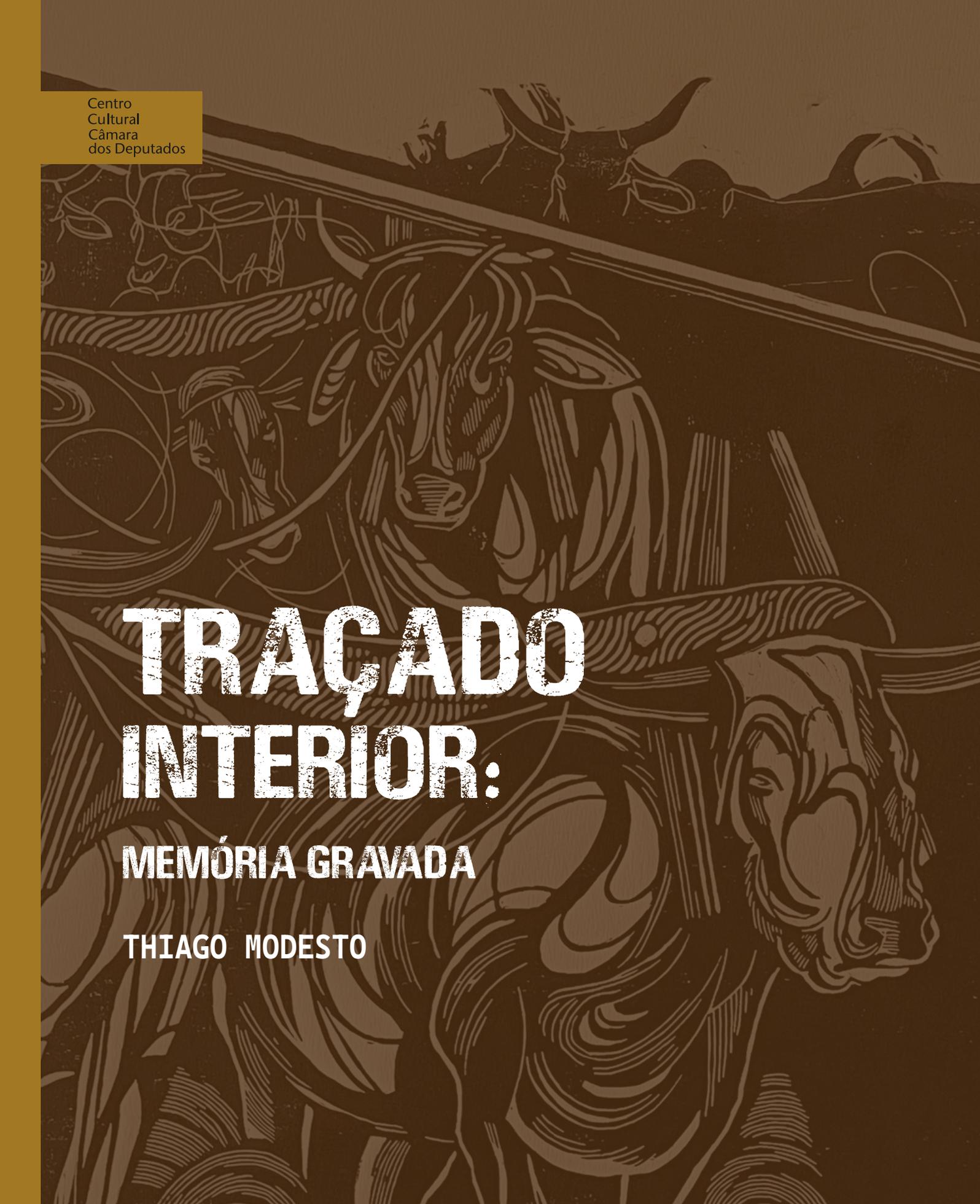


Centro  
Cultural  
Câmara  
dos Deputados



# TRAÇADO INTERIOR:

MEMÓRIA GRAVADA

THIAGO MODESTO

O Centro Cultural  
Câmara dos Deputados  
apresenta a exposição

# TRAÇADO INTERIOR:

MEMÓRIA GRAVADA

THIAGO MODESTO

Brasília, dezembro de 2024

O Centro Cultural Câmara dos Deputados é responsável pela preservação do acervo museológico da Câmara dos Deputados e pela realização das ações culturais que ocorrem na instituição, como exposições artísticas e históricas e eventos literários.

Além de promover as culturas regionais e a produção artística contemporânea nacional, o Centro Cultural atua na preservação da memória da instituição e na história do Poder Legislativo. Idealizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Palácio do Congresso Nacional abriga obras de artistas brasileiros renomados da segunda metade do século XX, como Di Cavalcanti, Athos Bulcão e Marianne Peretti.

Com o intuito de viabilizar a diversidade e a qualidade das exposições realizadas pelo Centro Cultural, todos os anos promovemos um edital público para a seleção das mostras artísticas e históricas que ocuparão, no ano subsequente, os espaços destinados aos eventos culturais. As propostas apresentadas são avaliadas por uma Comissão Curadora e, desta forma, o Centro Cultural proporciona a artistas e curadores de todo o Brasil a oportunidade de apresentar seus trabalhos em áreas da Câmara dos Deputados onde há grande circulação de visitantes de diversas partes do país, propiciando o exercício e a promoção da cultura e da cidadania.



# Traçado interior: memória gravada

*Por Oto Dias Becker Reifschneider*

Thiago busca o interior. O interior da alma, o interior das tradições, do coletivo. Familiar é o traço, o espírito. Transparente o amor com que traça suas linhas. De longe acompanho Thiago, na busca por uma arte sua, que seja de todos.

Ao passo que ele se encontra, seus processos tomam forma, ganham força. As influências vão se diluindo e se unem em algo mais forte – assim é o caminho do artista. Caminho esse que completa pouco mais de dez anos. Nos primeiros trabalhos, salta o surrealismo, com colagens e sobreposições inusitadas; o cordel, de traços simples e fortes. A estética do grafite, com rasgos de tatuagem, também se faz sentir. A labuta, todavia, ensina.

Alguns projetos de identidade pedem maior concisão, e o exercício de narrativa amarra as ilustrações, como nos premiados projetos para destilados, desde 2017. De fato, como designer, Thiago atinge uma maturidade estética que precede a da gravura: basta acompanhar suas postagens para descobrir lindos conceitos (sou suspeito), um após o outro, se desenvolverem. Até meados de 2020, eles predominam em suas postagens: são cafés, chocolates, espumantes – o que fica é uma vontade danada de prová-los.

A gravura exigiu um outro tempo, mas a persistência se pagou: poucos desenvolveram um trabalho tão consistente, denso, ao longo dos anos, na gravura contemporânea brasileira. O recorte dessa sua primeira individual é na verdade um registro de praticamente toda a produção de Thiago desde que chegou a esse lugar de excelência. Ele vai de 2020 a 2024 e abarca três séries: *Pindoranes*, *Sertão Carioca* e *No Longe*.

Thiago foi criado pela mãe, no seio da família materna, e sua companheira o é de toda a vida – essa força surge em *Pindoranes*: aparecem as guerreiras, as protetoras. Ao seu lado, figuras sincréticas, seres sagrados. Esse lugar de força dá início a uma narrativa ainda mais elaborada com a próxima série, que surge de uma experiência única no quilombo Cafundá Astrogilda, no Parque Estadual da Pedra Branca.

É no *Sertão Carioca*, sertão esse anexo ao território da Zona Oeste do Rio, das terras de Jacarepaguá, ladeadas pela floresta, que Thiago se encontra. Seu interior é verde como as matas. Nele surgem as figuras folclóricas, os símbolos do trabalho e de opulência, de comunhão. Uma riqueza de outros tempos, onde o que importa é o que realmente importa. Fora do centro, tão perto, nasce a arte em outro sertão.

Eis que surge *No Longe*. Thiago aprofunda sua busca de sentido. Traça origens, cria histórias, vislumbra memórias. *No Longe* exige madeira, exige fibra. Exige olhar de perto, lentes no traçado. Se as linhas saem do papel para as telas, as placas de MDF dão lugar à canela, à peroba. Muda o processo, se aprimora, amplia-se a busca. Esse caminho só nos resta contemplar. Para onde segue, nem o artista sabe. Dita o tempo, a caminhada, a vida que está por vir. Que o ritual se cumpra.

---

**Oto Reifschneider** é doutor em Ciência da Informação, mestre em Sociologia e bacharel em História pela Universidade de Brasília. O colecionador, pesquisador e curador tem artigos publicados nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Brasileira de Letras e das universidades de Brasília, Brown e São Paulo, entre outras. Especialista em obras raras e colecionismo – tema de sua tese de doutorado –, há mais de vinte anos pesquisa as técnicas e história da gravura no Brasil.

Em seus projetos culturais, perícia e avaliação, faz uso de sua biblioteca de referência, com mais de 2 mil volumes sobre arte brasileira. Coordena também uma galeria de arte, com obras de mais de cem artistas brasileiros.



# Pindoranes 2020-2022

Por Thiago Modesto

*Pindoranes* retrata um Brasil matriarcal e sincrético, pois a palavra remete a adjetivo pátrio de gênero indefinido, aos viventes de um país mítico, tradicional, rural e contemporâneo, onde povos que compõem uma dita nação lutam diariamente contra o empreendimento colonial estabelecido nas terras nomeadas como Brasil.

Sincretismo é um conceito que se refere à fusão de diferentes elementos culturais, religiosos ou ideológicos para formar uma nova cultura, religião ou sociedade. A mistura de crenças, forjadas como meio de sobrevivência, gerou dor e sofrimento, mas também ajudou a construir o que se entende por nação que crê, mesmo que na diversidade de interpretações.

Rezadeiras que quebram o assombro com suas ervas e orações, a reza do justo juiz que fecha o corpo de Corisco, o palhaço do reisado que cobra permissão para abandonar seu corpo temporário, os espíritos dos templários baixando no mesmo terreiro que pomba-giras e exus, o Espírito Santo, São Jorge no boteco, São Cipriano, Dia de São Cosme e Damião, São Miguel Arcanjo, a Pedra do Reino e tantas outras manifestações que emergem nesse Brasil e que me inspiram. Em *Pindoranes*, o sincretismo é mais do que um fenômeno cultural; é a essência de uma identidade coletiva que resiste e se reinventa constantemente.

*Manifesta-se o santo guerreiro. O justo.*

*Na reza ancestral vem fazendo zum zum zum, riscando o caminho no fio de corte, no faiscar da lâmina velha, que vira feixe de luz, vira fogo, na noite sem luar. Às vezes é assombro, fazendo a justiça dos homens, num zum zum zum que risca o corpo e derrama um vermelho espesso no solo roubado. As vezes é luz, guiando o caminho das velhas almas perdidas no solo que foi reconquistado. Vem e come, bailando ao redor da entrega encantada pelo toque do tambor, viola e pandeiro.*

*Lá vem o santo guerreiro, que me olha e me diz: minha foice que abre os caminhos também corta cabeças.*



**Figura sincrética I**

Xilogravura | 93 x 47 cm | 2021

**Figura sincrética II**

Xilogravura | 93 x 47 cm | 2022





Fim

Xilogravura | 50 x 80 cm | 2021



**Guerreiras**

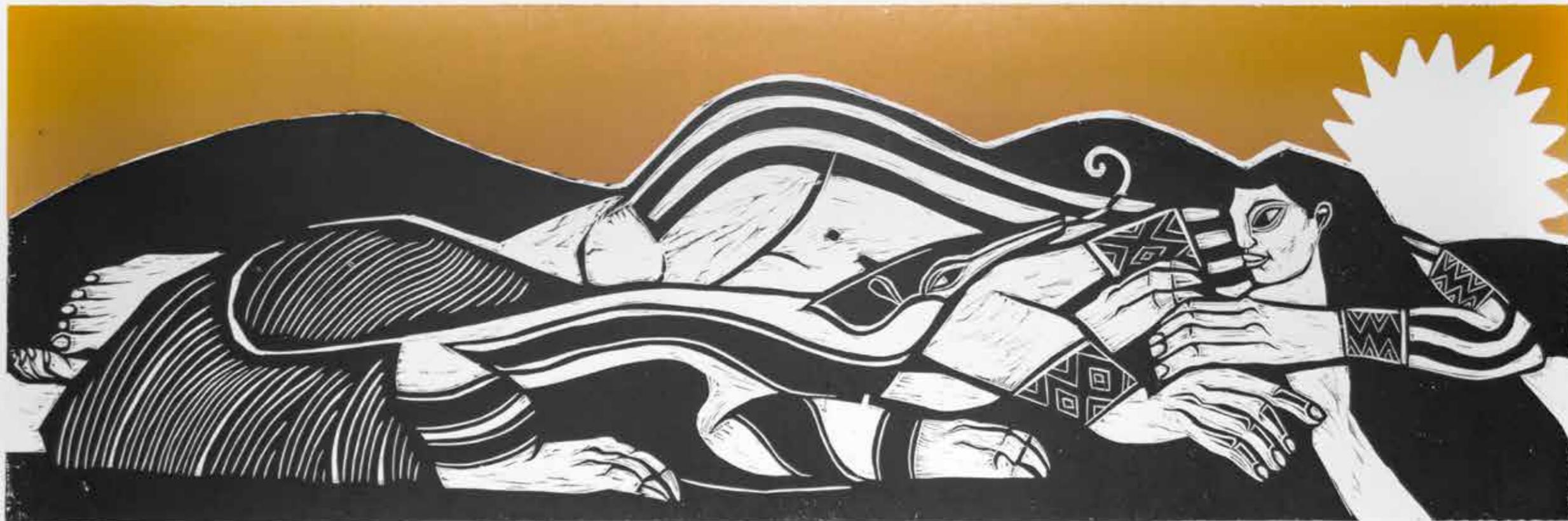
Xilogravura | 75 x 50 cm | 2021

*Sol, vida, lua, imyra, tayra, ipy, de vermelho-urucum, na guerra, o lado mago, no caminho, o laço. No ventre, trançado em cipó, o passo, descalço, o pé, na terra, o pé, na estrada. No coração da besta, o rasgo. Na terra vermelha, a bandeira fncada, a vitória alcançada da terra tomada.*

Protetora

Xilogravura | 80 x 44 cm | 2020





Tamanduá

Xilogravura | 32 x 82 cm | 2021



Ymyra, Lua e Sol  
Xilogravura | 50 x 50 cm | 2021



**Tento**

Xilogravura | 86 x 30 cm | 2020



**Sagrado**

Xilogravura | 92 x 48 cm | 2020



# Sertão Carioca 2021-2023

*Por Thiago Modesto*

Ouvir dos mais velhos sempre foi uma forma de me transportar para as paisagens que ocupam um dos tantos imaginários que cresci aprendendo a admirar e respeitar. Cresci ouvindo minha avó contar histórias do seu tempo de roça e dando nomes para as nuvens do céu. “Olha ali aquele tecido de nuvãõ branco, amanhã não vai chover” – ela dizia. Causos de mula sem cabeça, lobisomem e saci-pererê eram nossas conversas mais íntimas, e eu ouvia aquilo tudo com tanta atenção que quase conseguia andar por suas lembranças. Cresci assim: encantado.

Entendi pequeno, sem perceber, o valor da comunhão, vendo que minhas oito tias, mesmo com suas histórias de vida guardadas em gavetas, ainda perpetuavam certos valores sertanejos. Nunca vou esquecer daquele domingo que passamos reunidos comendo cana-de-açúcar na garagem ao som de cigarras e com os olhos ofuscados pelo laranja preguiçoso do fim de tarde. Essas são coisas que marcam a alma, ficam ali brotando aos poucos e, quando menos percebemos, já estão florescidas. Assim me construí como artista.

Magalhães Corrêa talvez tenha se deixado seduzir pela fauna e flora; eu não o culpo. Essas terras por onde andamos estão muito perto do céu. Ainda mais quando aprendemos a olhar as janelas que se formam na vegetação: verdadeiras paisagens emolduradas do nosso Sertão Carioca, termo cunhado por ele nomeando a antiga zona rural da cidade do Rio de Janeiro, descrita em seu livro de 1936. Hoje, o termo transcende o espaço físico, remetendo a um limite simbólico entre o urbano e o rural e à luta por preservar modos de vida e saberes que resistem.

Desde o primeiro momento em que desci naquela pracinha de Vargem Grande, soube que minhas paisagens seriam mais profundas, construídas não de folhas e pedras, mas de carne, sangue e alma. Vargem Grande, parte desse Sertão Carioca, é onde fica o Quilombo Cafundá Astrogilda, formado por descendentes de africanos que trabalharam na antiga fazenda cafeeira da região. Certificado pela Fundação Palmares em 2014, o quilombo é um espaço vivo de resistência. Suas cerca de 70 famílias enfrentam a ameaça de serem vistas como invasoras no Parque Estadual da Pedra Branca, criado muito depois de elas estarem ali.

Entendi, então, essas pessoas como verdadeiras divindades dentro de suas vivências. Cada uma conectada com uma simbologia particular: a lida com a terra, o orgulho de suas histórias, o medo de serem apagadas pelo tempo, e a religiosidade sincrética, que mistura santos católicos com crenças afro-brasileiras. O sagrado e o profano se misturam nesse cotidiano, refletindo a própria construção da religiosidade brasileira e definindo esse sertão, com suas paisagens e histórias, um mais-lugar; ou seja, um espaço de memória viva e de luta que nos ensina a olhar para o que é nosso com encanto e reverência.



Pedrinho

Xilogravura | 70 x 50 cm | 2021

**Maria**  
Xilogravura | 70 x 50 cm | 2021





Largou a atiradeira  
Xilogravura | 70 x 50 cm | 2021

# No sertão da sua terra

Por Bernardo Marques

De origem incerta, a palavra “sertão” carrega significados e imaginários que costumam estar ligados ao interior do Brasil. Existem estudos que indicam que a palavra deriva do substantivo “deserto”, mas nem sempre podemos relacionar o sertão ao árido e escasso. Pelo contrário, existem sertões que concentram uma diversidade de vegetação, fauna, flora, memórias e modos de viver, como as regiões do Grande Sertão Veredas, Sertão do Araripe (Cariri) e o Sertão Carioca. Decerto, o nome é melhor empregado em relação às áreas e regiões ligadas aos ciclos econômicos rurais e com a permanência de costumes e tradições antigas.

O termo Sertão Carioca foi dado por Armando Magalhães Corrêa em uma série de reportagens publicadas entre 1932 e 1933 no periódico Correio da Manhã para descrever e analisar a então região da zona rural da cidade do Rio de Janeiro que vai da Baixada de Jacarepaguá à Pedra de Guaratiba, Zona Oeste da cidade, abordando a “vida sertaneja” e o patrimônio natural local remanescente da Mata Atlântica – fauna, flora, rios, lagoas, etc. Esta coletânea de artigos deu origem ao livro O Sertão Carioca, lançado pelo autor em 1936. Atualmente, o termo remete a um limite espacial simbólico que abrange as dimensões natural, social e cultural da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Ainda hoje neste território permanecem valores éticos, espirituais, simbólicos e afetivos que estão vinculados à lida com a terra.

Certamente um dos conceitos que está diretamente ligado ao “sertão”, e aos saberes e fazeres gestados nesses espaços, é o de comunidade. Muitas das comunidades assentadas nestes territórios possuem relação com a agricultura e o campesinato, onde o auxílio mútuo e disposições comunitárias são naturalmente evidenciados. É a partir deste entendimento que Thiago Modesto faz a leitura de sua terra. De família migrante de outros sertões do Estado do Rio de Janeiro em direção à Zona Oeste do município, o artista observou em suas vivências no Sertão Carioca de hoje reminiscências de um Sertão Carioca de ontem, apresentado por Magalhães Corrêa.

Os personagens e eventos que também conhecia de histórias familiares se materializam em pessoas e situações reais a partir do seu contato com as comunidades presentes no território. Nesta série o artista apresenta um recorte de obras que dialogam com ancestralidades, comunidades originárias e imaginadas, resistências e reexistências compreendidas a partir de pesquisas de campo realizadas no Sertão Carioca e que inspiram sua produção recente.

---

**Bernardo Marques** atua como pesquisador, produtor cultural e curador independente de projetos de arte que abarcam saberes e fazeres no campo das tecnologias digitais, sociais e ancestrais. Possui experiência no desenvolvimento de pesquisas e execução de atividades no campo da cultura, como concepção e avaliação de projetos culturais, execução expositiva e de montagens de exposições em suportes variados – físicos e virtuais – e de projetos pedagógicos em artes.

É graduado em produção cultural, especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas, mestre em Arte e Cultura Contemporânea e doutor em História da Arte.



Festa

Xilogravura | 50 x 80 cm | 2021



Sem título

Xilogravura | 66 x 48 cm | 2021

Sem título

Xilogravura | 66 x 48 cm | 2021



Sem título

Xilogravura | 66 x 48 cm | 2021



Sem título

Xilogravura | 66 x 48 cm | 2021



Sem título

Xilogravura | 66 x 48 cm | 2021

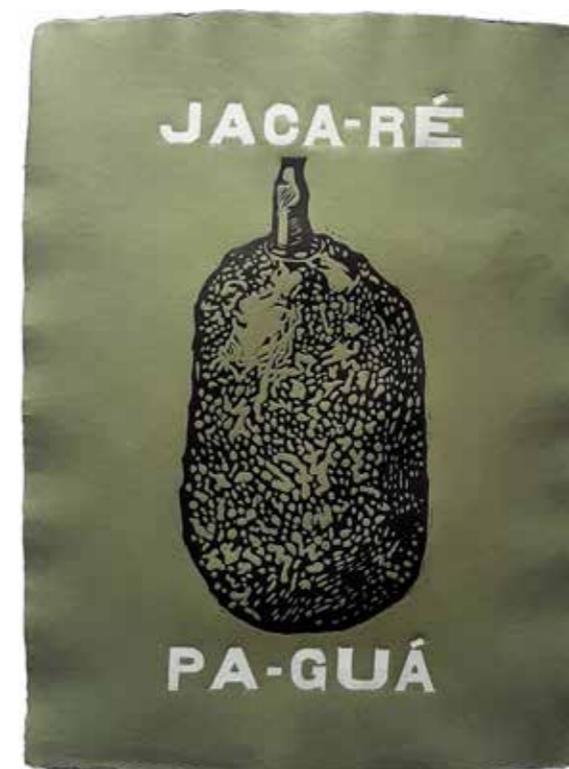


Sem título

Xilogravura | 66 x 48 cm | 2021



Sem título  
Xilogravura | 66 x 48 cm | 2021



Sem título  
Xilogravura | 66 x 48 cm | 2021



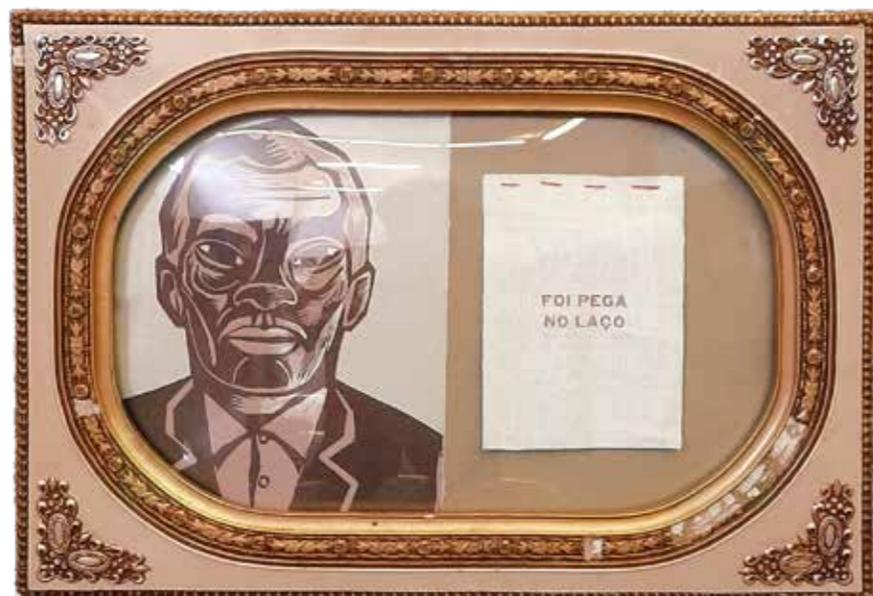
**Ritual**

Xilogravura | 70 x 100 cm | 2023

**Oratório**

Xilogravura | 62 x 46 cm | 2021





**Xilorretrato I**  
Xilogravura | 40 x 60 cm | 2021



**Xilorretrato II**  
Xilogravura | 40 x 60 cm | 2021



**Xilorretrato III**  
Xilogravura | 40 x 60 cm | 2021



**Xilorretrato IV**

Xilogravura | 40 x 30 cm | 2021

**Xilorretrato V**

Xilogravura | 40 x 30 cm | 2021



**Xilorretrato VI**

Xilogravura | 40 x 30 cm | 2021



# No Longe 2023-2024

Por Thiago Modesto

Como vestígios de sonhos nebulosos, onde as narrativas e imagens surgem de maneira fragmentada, a série *No Longe* encarna a minha tentativa de tecer uma intrincada rede de memórias a partir dos relatos que acumulei ao longo da vida e das pesquisas sobre a origem da minha família.

Originários de Santo Antônio de Pádua, uma pequena localidade rural situada no interior do Rio de Janeiro, migraram em busca de oportunidades, compartilhando os apagamentos típicos de muitas famílias de origem humilde no Brasil. São falsas memórias, que às vezes se complementam com memórias reais, formando um mosaico, um abismo emaranhado por uma colcha de retalhos, que para mim fortalece a importância de se visitar o passado para entender quem somos hoje e aonde queremos chegar.

Com xilogravuras produzidas entre 2021 até os dias atuais, visito principalmente as figuras dos meus avós, trabalhadores rurais analfabetos que vieram para a cidade em busca de uma vida melhor para a família, mas que nunca conseguiram superar a saudade da terra que deixaram pra trás. A série aborda a ausência, com xilogravuras talhadas a partir de fragmentos de memórias.

A faca de corte abre a carcaça do tempo, revelando uma luz que ofusca antes de me iluminar profundamente. E eu, em humilde reverência, concebo uma oferenda para ela, que se manifesta como uma aparição e me ensina os segredos antigos e envoltamentos de encantaria. “Daqule bicho com morada, apenas três gotas de vida para que a semente floresça, fortalecendo-se e saudável se torne.” E então, você desaparece mais uma vez, mas desta vez deixando um pedaço de si, como uma cicatriz na pele marcada pelo sol, ou como as fissuras na parede da casa de família, testemunhas de portas e janelas que ali existiam, ensinando que a ausência é mais forte do que a presença.



Oferendas para uma aparição  
Xilogravura | 66 x 56 cm | 2024

*Numa noite de breu estrela  
 guia reluz pena de prata.  
 Na caminhada, a retirada,  
 panoramizando horizonte distante.  
 Movimento no céu, pousada das almas,  
 pede bênção e segue a picada,  
 certeza de que não estará desamparada.  
 Tincoã-asamundo abraça num frágil aperto.  
 Sinto a força de antigas presenças.  
 Urubu renova cumprindo a missão.  
 E quem sou eu pra não aceitar  
 a sentença de escrever histórias  
 no rasgo da prata em fósil-carcaça.*



Com a bênção dos que já partiram

Xilogravura | 64 x 87 cm | 2024

**Sagrado Profano**  
Xilogravura | 72 x 46 cm | 2024





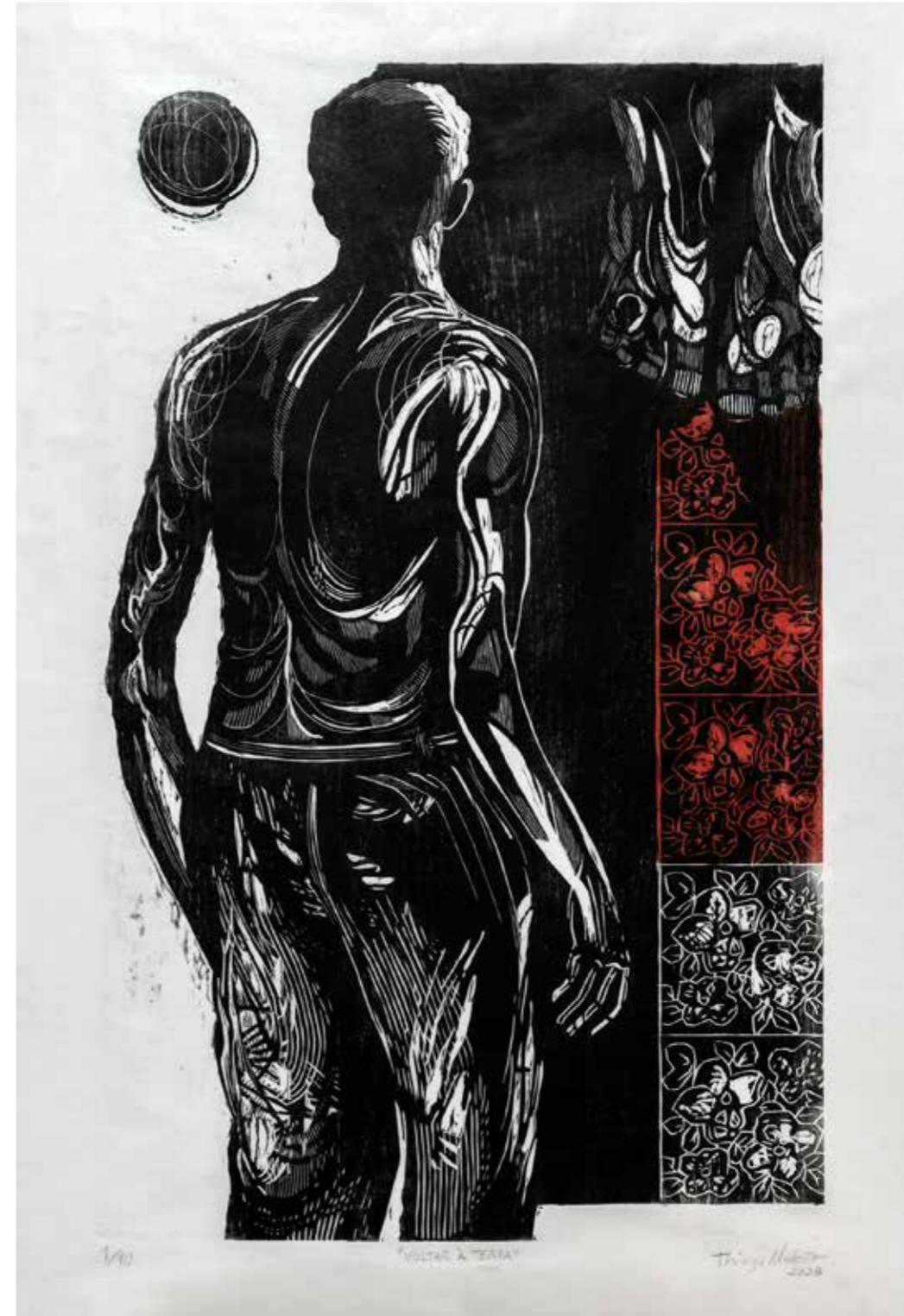
**Saudade das velhas folias**  
 Xilogravura | 72 x 48 cm | 2024

*Das coisas em finitude: corpo, flor, oração.*



**Incelença para uma desapareição**  
 Xilogravura | 72 x 48 cm | 2024

*Ficou um pouco, um pouco das suas finas e delicadas raízes, pulsantes sob a carcaça, que não conseguiam conter o líquido vermelho-viscoso que irrigava os caminhos por onde você vagava. Ficou um pouco desse vagar de aparição fantasmagórica, nunca ousando pisar de pé firme em uma terra que não era sua. E ao exercer aparição, esse pouco que ficou de você ia manchando os azulejos da escada, você descendo e eu subindo, e onde eu-menino, do topo, olhava com olhos de criança que não entendia ainda o valor do pouco. Ficou um pouco de você também ali perto do velho portão de madeira, olhando por entre as frestas, um pouco sem frente, e que aos poucos ia se tornando uma desapareição, virando terra e sumindo por essas mesmas frestas. Ficou o pouco que o vento deixou. E o pouco que ele não deixou partiu para longe, junto das folhas que a vó varria da calçada. Você um pouco terra, ela um pouco folha, dois viajantes pegando carona em vento forte.*



**Voltar à Terra**

Xilogravura | 82 x 55 cm | 2023



**Labuta**

Xilogravura | 105 x 70 cm | 2023

*A galinha correu, não o bastante pro sangue jorrar, no corte certo, do objeto neutro, tanto arma quanto benção. Não te enxergo, mas sei dos seus esforços, do cheiro metálico do sangue coagulado, resquícios do trabalho na sua camisa surrada. Se dá assim um quase-corpo. Habita ele nas encruzas? Na esquina da São Ricardo? No cajueiro velho de Santo Antônio? Ele vaga em quais redondezas? Seu corpo é uma granja, barulhento mas também tão silencioso, tão distante.*

*Assentamento! De deuses conjurados em rastros na terra, em pequenas fogueiras que aquecem o peito e as mãos e iluminam o caminho, fazendo brilhar o adubo vermelho*

*que germina o chão, amansando o peso de meus pés cansados. Pequena chama que desencarna em graça alcançada, some em sua microescala temporal e o corpo em projeção alcança a revoada, um voo baixo de almas que acompanham a procissão de voltar ao longe.*

*É esse plinar de horizonte imenso, que faz-se o vento*

*que me devora o corpo e me abre os olhos em alumbramento, me colocando em posição de veneração aos deuses do tempo e de vento, aparições aterradas no calor da chama, no derreter da cera e na duração de palavras em oração.*





Noite escura, poeira suspensa no ar, nebulosas figuras adentram o longe em marcha lenta e cadenciada. Dá para ouvi-las se aproximando, em lamentosa sinfonia estridente, mesmo com os olhos ofuscados pela terra que abdicou de sua natureza de chão e que agora dança os passos do vento. Rangendo como uma velha máquina a carvão, essas figuras mugidoras fazem parte de uma orquestra guiada por um maestro-cantador. Sob sua regência, abandonam a forma maquinal, transformando-se em instrumentos animais. Traçando o caminho ao som de aboios, o maestro determina o tempo, ditado pelo vagar pesado da boiada em caminhada.

Carro de boi

Xilogravura | 50 x 70 cm | 2023

# Casa-Tempo: aparição e desaparição

Por Messias Silva de Oliveira

70

O tempo é um ambiente que revela as mais profundas emoções. Dentro dele, podemos experimentar histórias de vidas passadas que tocam a pele e aguçam o olhar para o longe. A pupila, quando visualiza aquilo que está fora dela, impulsiona o corpo para frente em direção ao longínquo, fazendo desse encontro capítulos de histórias vivenciais. Na poética de Thiago Modesto, os corpos esculpidos na madeira e imortalizados na gravura são a construção desse ambiente-tempo – ou casa-tempo – que convida o espectador a entrar com o corpo para manchar a existência com os dedos que tocam o resto de cores que caem dos pedaços das paredes, que se desmoronam com o chão rachado e sem vida.

Num gesto de quem prepara uma oferenda para aqueles que se foram, mas que iluminam e dão proteção aos que seguem pisando no chão da vida no lado de cá, a exposição é um olhar cirúrgico que atravessa a carcaça do corpo e a flacidez da pele, tal como o manejo da goiva na superfície da madeira, que remete os sulcos de uma pele velha, marcada pelo sol, quente durante o manejo da foice afada; conduzida por uma emoção confusa e dramática de alguém que é fsgado pela aparição de um vulto, um rosto que tenta superar as gotas de suor e sangue que consomem a existência na atividade rural e que, no fim da labuta, traz o desgaste e a desapareição da identidade.

Para perceber as movimentações da agulha – que o artista usa para fechar as feridas abertas no ventre das figuras que protagonizam esse momento do seu fazer artístico –, é preciso que os visitantes entrem e habitem a casa-tempo. De dentro, a condição frágil dos personagens é percebida de perto. O longe torna-se uma força penetrante que guia o observador até o espelho. Diante dele, as imagens esculpidas são reflexos de Brasis marcados por aparições e desapareições.

---

**Messias Silva de Oliveira** é filósofo graduado pela PUC-Rio, curador independente e crítico de arte, realiza trabalhos no campo da estética, articulando filosofia com práticas artísticas. Integrou a equipe de produção de narrativas no estúdio Megazord do artista Maxwell Alexandre no período de 2023–2024. Na curadoria, foi coautor no projeto curatorial da primeira individual do artista multimídia Raphael Cruz na exposição *Rituais do Não Retorno que Retornam* em 2023. Em 2024, curou as exposições individuais do artista xilogravador Thiago Modesto: *Casa-Tempo: Aparição e desapareição* e *Casa-Tempo: Assentamentos*. Foi curador-chefe da primeira edição do evento *Rios-Reais*, organizado e idealizado pelo Centro Cultural LadoB.

71



# Thiago Modesto

*Biografia*

O designer, artista plástico e gravador autodidata Thiago Modesto (1989) nasceu, vive e trabalha no Rio de Janeiro, tendo passado grande parte da sua vida em Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio.

Como artista plástico, produz sua obra em xilogravura, inicialmente em matrizes de MDF, depois passando para madeiras como canela. A técnica foi escolhida a partir de seu interesse pela artesanato e do desejo de se distanciar da produção digital, muito frequente em seus trabalhos como designer.

As temáticas que figuram em suas obras são inspiradas pela convivência com a avó de origem interiorana e pelo contato com a natureza, revelando a pluralidade da identidade brasileira.

Já realizou exposições individuais e coletivas, entre elas duas mostras em Seul, Coreia do Sul. Em 2021 ilustrou a publicação virtual *O Sertão Carioca Ontem e Hoje*. Ao longo dos últimos anos, Thiago editou mais de 50 gravuras, muitas delas esgotadas. Sua obra tem ganhado destaque, tendo sido selecionada para a *Bienal de Gravura da Romênia* (2021), *Trienal de Arte Latino-Americana de Nova Iorque* (2022), *Bienal do Sertão* (2023), *Trienal Internacional de Gravura da Polônia* (2024) e *Bienal de Gravura da Armênia* (2023).

## Exposições individuais

### 2024

- \* *Casa-Tempo: Assentamentos* - Centro Cultural Correios - Rio de Janeiro / Brasil
- \* *Casa-Tempo: Aparição e Desaparição* - Estúdio Dezenove - Rio de Janeiro / Brasil

### 2023

- \* *Sertão Carioca* - Museu Bispo do Rosário - Rio de Janeiro / Brasil

### 2022

- \* *Vernacular* - Galeria Espaço Corda - Belo Horizonte / Minas Gerais
- \* *Santos e Silvas* - Espaço Cultural dos Correios - Niterói / Rio de Janeiro

### 2015

- \* *Avesso* - Kariok Hostel - Rio de Janeiro / Brasil

### 2014

- \* *Bestiário* - Casa Art Bridge Contemporary - Rio de Janeiro / Brasil

## Exposições coletivas

### 2024

- \* *Insurgências e o Contraponto do Longe* - Centro Cultural Bienal das Amazônias - Pará / Brasil
- \* *Entre\_Laços: Memória e Cotidiano* - Centro Cultural Humberto Braga - Rio de Janeiro / Brasil
- \* *Abre-Alas 19* - Gentil Carioca - Rio de Janeiro / Brasil
- \* *23ª Trienal de Gravura da Cracóvia* - Cracóvia - Polônia
- \* *8ª Bienal de Artes Gráficas do País Sículo* - Centro de Arte da Transilvânia - Romênia

### 2023

- \* *4ª Bienal Internacional de Gravura de Erevã* - Centro Aznavour / Erevã, Armênia
- \* *6ª Bienal do Sertão de Artes Visuais* - Crato - Juazeiro do Norte e Santana do Cariri / Brasil
- \* *Viver Comunitário* - GAS (Galeria de Arte Subúrbio) - Rio de Janeiro / Brasil
- \* *Arte Portas Abertas* - Santa Teresa - Estúdio Dezenove - Rio de Janeiro / Brasil

### 2022

- \* *3ª Trienal de Arte Latino-Americana de Nova Iorque* - Nova Iorque / Estados Unidos
- \* *7ª Bienal de Artes Gráficas do País Sículo* - Centro de Arte da Transilvânia - Romênia
- \* *Travessia 20-22* - Museu do Ingá - Niterói / Brasil
- \* *Nas Rugas do Tempo* - Casa da Escada Colorida - Rio de Janeiro / Brasil
- \* *Evoke 22* - Galeria Olugar Arte Contemporânea - Rio de Janeiro / Brasil
- \* *Da Transparência ao Traço* - Estudiô Gráfico - Rio de Janeiro / Brasil

### 2017

- \* *Batata* - Centro Cultural Feso Pro Arte - Teresópolis / Brasil
- \* *Narrativas Gráficas* - Centro Cultural Laurinda Santos Lobo - Rio de Janeiro / Brasil

### 2015

- \* *Tropical Colors* - Gallery Gabi - Seul / Coreia do Sul
- \* *Ensemble* - Centro Cultural Feso Pro Arte - Teresópolis / Brasil

### 2014

- \* *Feira de Arte Contemporânea Artigo Rio* - Armazém 6, Cais do Porto - Rio de Janeiro / Brasil
- \* *Imaginary Forest* - Thiago Modesto & Hana Seo - Gallery Gabi - Seul / Coreia do Sul



Câmara dos Deputados

10.DEZ 2024 – 6.FEV 2025  
Galeria Décimo | Anexo IV  
Segunda a sexta, das 9h às 17h

**Mesa Diretora da Câmara dos Deputados | Presidente** Arthur Lira (PP-AL) | **1º Vice-Presidente** Marcos Pereira (REPUBLICANOS-SP) | **2º Vice-Presidente** Sóstenes Cavalcante (PL-RJ) | **1º Secretário** Luciano Bivar (UNIÃO-PE) | **2ª Secretária** Maria do Rosário (PT-RS) | **3º Secretário** Júlio Cesar (PSD-PI) | **4º Secretário** Lucio Mosquini (MDB-RO) | **Suplentes** Gilberto Nascimento (PSD-SP), Pompeo de Mattos (PDT-RS), Beto Pereira (PSDB-MS), André Ferreira (PL-PE)

**Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural Câmara dos Deputados | Secretário de Comunicação Social** Jilmar Tatto (PT-SP) | **Secretário de Participação, Interação e Mídias Digitais** Luciano Ducci (PSB-PR) | **Diretoria Executiva de Comunicação e Mídias Digitais** Cleber Queiroz Machado | **Coordenação de Cerimonial, Eventos e Cultura** Frederico Fonseca de Almeida | **Supervisão do Centro Cultural** Isabel Flecha de Lima | **Coordenação do Projeto** Clauder Diniz | **Produção e Revisão** Maria Amélia Elói | **Design Gráfico e Expografia** Mima Carfer | **Estagiária de Design** Jaqueline de Melo | **Pintura** DETEC/COENG | **Plotagem** WL Serviços e Comunicação Visual | **Montagem e manutenção da exposição** André Ventorim, Maurilio Magno, Paulo Titula, Wendel Fontenele | **Material Gráfico** Coordenação de Serviços Gráficos – CGRAF/DEAPA

**Curadoria** Oto Dias Becker Reifschneider | **Fotos** Thais Merçon, Marcos Reis | **Agradecimentos do artista** Oto Reifschneider, Bernardo Marques, Messias Silva de Oliveira, Thais Merçon, Família Modesto, Equipe da Câmara dos Deputados, Parnaioca Rum, Imagina Juntos, Ateliê Passos Gráficos, aos guias que zelam por mim e a todos os mestres e mestras que me trouxeram até aqui

Contatos do artista:

artegaleria.com.br  
thiagomodesto.com.br/arte  
instagram.com/thiagomod

Apoio:



SCLN 302 Bloco E Loja 41  
Asa Norte | Brasília | DF  
+55 61 98168.4293  
contato@escritorioarte.com

Informações: 0800 0 619 619 | cultural@camara.leg.br  
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados  
Anexo I – Sala 1601 – CEP 70160-900 – Brasília/DF

[www.camara.leg.br/centrocultural](http://www.camara.leg.br/centrocultural)

Brasília, dezembro de 2024

Acesse  
nosso edital  
de seleção



Traçado Interior : Memória Gravada (2024 : Brasília, DF)  
Traçado Interior [recurso eletrônico] : Memória Gravada / Thiago Modesto. – Brasília : Câmara dos Deputados, Centro Cultural, 2024.

Título aparece no item como: O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta a exposição Traçado Interior : Memória Gravada. Catálogo da exposição realizada na Câmara dos Deputados, Galeria Décimo, Anexo IV, de 27 de setembro a 24 de outubro de 2024. Versão e-book.

Modo de acesso: [bd.camara.leg.br](http://bd.camara.leg.br)  
Disponível, também, em formato impresso.  
ISBN 978-85-402-1058-5

1. Xilogravura, exposição, Brasil, catálogo. I. Modesto, Thiago. II. Brasil. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Centro Cultural. III. Título.

CDU 7

---

Bibliotecária: Fabyola Lima Madeira – CRB1: 2109

ISBN 978-85-402-1058-5 (papel) | ISBN 978-85-402-1057-8 (e-book)



ISBN 978-85-402-1057-8



9 788540 210578